

# Os novos veículos de comunicação interferem no desenvolvimento infantil?

*Haim Grunspun, Feiga Grunspun (\*)*

Os veículos de comunicação no mundo atual introduziram uma linguagem especial plástica por si mesma, por ser específica a forma visual e acustica ue empregam.

Desde muito pequena a criança distingue a comunicação que preenche o cotidiano da vida da família, completado pelo fulcro central que é a televisão.

Esta comunicação pelo aparelho forneceria novas formas de pensamento? Estariam se modificando a estrutura parcial ou total da personalidade das crianças? A nova linguagem tônico-verbal, tônico acustica e visual está construindo nova forma de comunicação? Estariam nossas crianças construindo novos sinais novos símbolos, novos significados e novos significantes diferentes das gerações passadas? A interação emocional e intelectual no seio da família poderá estar mudando?

È provável que a nova forma de comunicação infantil yá esteja diferente daquela que nós adultos estamos esperando e que suas emoções e pensamntos são de um novo teor qualitativo para cujo código, teremos que nos preparar.

Os termos hoje introduzidos por jovens - iguais aos que os adultos usam têm evidente conotação diversa do que habitualmente existiu.

“Problema”, “conflitos”, “insegurança”, “ansiedade”, “loucura” e “ficar louco” são palavras de um novo vocabulário, não compreendido pelos pais, mães e professores.

Não falamos em gíria, mas uma linguagem comunicativa com um novo conteúdo de pensamento.

A mudança é muito rápida, e o que temos de ciência não acompanha a transformação na sua velocidade. Talvez somente após duas ou três gerações com desenvolvimento televisionado poderá se esclarecer as proposições atuais quando entao estaremos na telefonia televisionada.

Para tentar responder a algumas destas proposições teremos que enfrentar alguns conceitos atuais como os de habituação - “habituation” - e alienação.

---

\* Do Instituto Sedes Sapientiae de Sao Paulo.

Habituação é o fenômeno que tem sido interpretado como um mecanismo adaptativo que protege o organismo de continuar a responder para estímulos insignificantes no ambiente. Thompson, em 1973 enfatiza que a habituação é a mais simples forma de aprendizagem que acontece em todos os animais da ordem filogenética desde os invertebrados até ao ser humano. O interesse é pela habituação no recém nascido.

Seguindo-se à habituação, a apresentação de um novo estímulo faz crescer a resposta. Os estudos com crianças têm sido feitos com a habituação a cheiros, sons, fixação visual, e potenciais visuais evocados. Desde o recém nascido até os quatro meses de idade podemse verificar as respostas por reflexos globalizados e o reconhecimento progressivo da discriminação. A habituação até os cinco ou seis meses é subcortical e gradualmente passa a ser cortical quando as respostas a estímulos evocados podem ser melhor detectados. As respostas de habituação podem ser orientadas ou defensivas dependendo de estímulo.

A resposta orientada é evocada por estímulos moderados e facilita a recepção de novos estímulos e a habituação se realiza com facilidade.

A resposta defensiva é evocada por estímulos bruscos ou intensos. Faz parte de um sistema protetor e a habituação se faz lentamente com várias apresentações.

A resposta defensiva domina, por exemplo, na hora do nascimento. A resposta orientada se desenvolve durante as primeiras semanas de vida.

O grau de habituação reflete, segundo Clifton, a velocidade do processamento de informações no cérebro e este grau se modifica com a idade. As crianças com resposta rápida de habituação formam modelos e representações internas rápidas.

As crianças maiores se habituaem mais rapidamente do que as menores.

O outro conceito importante para tentar responder a algumas perguntas que fazemos, é o conceito de alienação na infância.

No nosso conceito a alienação infantil é um síndrome psicopatológico do indivíduo no qual por disfunções mentais o indivíduo tende a respostas semelhantes à catatonia sem apresentar os outros sintomas da esquizofrenia. As alterações são provavelmente por distúrbios na homeostase das catecolaminas e pode ser desencadeada por causas emocionais, socio-econômicas e de comunicação.

È evidente que é um conceito interdisciplinar e por isto poderá ser abordado por sociólogos, comunicólogos, historiadores e até psicólogos e psiquiatras.

A terapêutica também é multidisciplinar e interdisciplinar, mas soy qualquer visão, é o indivíduo que não é capaz de corresponder às expectativas sociais do seu grupo, quer na área afetiva, de produção econômica, de contato social e de atitudes coerentes com a cultura em que vive.

Quando todos estão ativos, ele está parado.

Quando todos parados ele está ativo. Dorme de dia, toma banho à noite, sai para rondas, se esgota e volta a parar. Seus interesses são circunscritos e sente limitações motoras que impedem sua motivação, apesar de fantasiá-la. De acordo com Seeman tentamos de forma empírica sistematizar em seis áreas a observação clínica da alienação.

1. Ineficiência — O sentimento e a crença que suas próprias forças não são capazes de controlar os eventos, mesmo que os eventos resultem em consequências favoráveis. A criança não enfrenta resultados positivos ou negativos.

2. Falta de sentido. Em todas as relações sociais e funcionais não é capaz de compreender o sentido. Tem confusão e ambiguidade sobre obrigações, deveres e tarefas, quer na escola, quer em casa, quer no grupo de amigos.

3. Falta de padrões. Não é capaz de perceber o que são ambições posições e aspirações e por isto não constroa valores para si mesmo e não respeita os valores dos outros.

4. Alheimento cultural — Apresenta uma rejeição interna pelos modelos aceitos em sua cultura, opondo-se a eles de forma crítica, ou submetendo-se passivamente também de forma crítica.

Pode-se revoltar e partir para ataques aos modelos culturais, mas de regra lhe falta motivação para esta revolta e acaba se tornando “boêmio” na cultura.

5. Isolamento Social — Não tem expectativas para ser aceito socialmente. É tem expectativas para ser aceito socialmente. É incapaz de interação social e não se importa com a aceitação social. Sente-se repudiado, mas como apresenta embotamento afetivo não se importa com sua solidão.

6. Auto alheimento. É o processo mais psicológico, com perturbação emocional típica, transferida para a motricidade que apresenta lentidão de coordenação e atividade, podendo-se manter horas na mesma posição, não conseguindo fazer uma auto imagen corporal e sentindo ameaça de perder os limites corporais e portanto identidade, se contrariar este auto alheimento. Restringe o campo físico de ação e os potenciais mentais para receber qualquer gratificação emocional e efetiva por sua condição humana.

É evidente que estes padrões podem ser sucessivamente adquiridos e a síndrome é completa quando todos os seis sinais estão presentes.

Há uma correlação entre habituação e alienação. Seguindo as idéias de Bateson e seus colaboradores sobre a patologia dos tipos lógicos, achamos que a comunicação em geral pode determinar facilmente a habituação, pode impedir a “deutero aprendizagem” que para este autor é “aprender a aprender” e ficar somente em hábitos, e pode causar alienação.

Nossas experiências no momento se centralizam desde 1975 na Televisão como meio de comunicação extraordinária-

mente favorável, mas capaz de causar a habituação e a alienação.

Faltam elementos teóricos para se poder programar a televisão de forma adequada e útil para as crianças. Nossas observações são um alerta para prevenir perturbações e talvez possam colaborar em conhecer os resultados da comunicação pela TV. de forma mais “psicológica” visando o bem estar futuro das crianças.

### *A Habituação à Violência na Televisão*

O relatório da Comissão “Carnegie”, publicado em 1967, e do qual participaram mais de 225 indivíduos e organizações, classificou a televisão em 3 categorias: Televisão comercial, televisão didático e televisão educativa ou pública considerando que as 3 categorias sempre ensinam algo.

A televisão comercial, patrocinada por publicidade ou pelo próprio Estado, sempre procura “vender” algo e atingir a maior audiência possível, buscando diversão ou repouso.

A televisão didática busca uma compensação futura para o indivíduo, visando a estudantes em sala de aula ou fora dela, apelando para o aprendizado, o trabalho, o aperfeiçoamento e a construção. Pode ser patrocinada por publicidade ou pelo Estado.

A televisão educativa ou pública, cuja finalidade é alcançar uma audiência crescente, deve abranger tudo quanto de interesse e importância humana não for incluído nas outras duas modalidades ou negligenciado por elas. A televisão educativa deve estimular a inovação, experimentação e melhoria na programação, seja na técnica, no método e principalmente no conteúdo. O que observamos nestes últimos 10 anos não foi muito estimulante. Todas as categorias de televisão foram invadidas por crescentes características agressivas e de violência nos programas.

Desde os desenhos animados com a série dos novos super-heróis, até às novelas com poucos ou muitos capítulos, filmes educativos, teatro adaptado à televisão, literatura reformulada e debates, tudo está eivado, na maioria absoluta dos programas, de violência manifesta e expressa, ou então, quando fazemos análise de conteúdo, a “violência mascarada” (ou escondida) está sempre presente.

Em todas as pesquisas da década anterior, a grande maioria dos autores hesita em afirmar que a identificação com a violência e os ensinamentos agressivos sejam causas de delinquência e criminalidade, com o que estamos de acordo. Em nossa opinião são principalmente as atitudes do ambiente que podem ser causa destes distúrbios. Só eventualmente, e em situações esporádicas, a televisão poderia desencadear o que existe de traços violentos na personalidade.

Observamos, no entanto, que a década de 70 se iniciou por uma expansão de violência no mundo. A partir de 68 a violência vem se tornando o método mais comum de comunicação. Não somente a televisão, mas o rádio, o cinema, a imprensa e a política tornaram-se cada vez mais violentos. A televisão, como meio de comunicação, pode estar expressando simplesmente a crueza da brutalidade de nossa cultura.

A pergunta atual que fazemos é: "As crianças que assistem à televisão poderão tornar-se violentas?" A resposta é: — Sim. "Podemos deixar as crianças assistindo a qualquer programa de televisão?". Em nossa opinião, a resposta é: Não.

Vários trabalhos que acompanham a progressão da violência nos programas de televisão observaram, em suas conclusões, que as crianças no seu desenvolvimento, correm riscos novos com o conteúdo de violência dos programas. Segundo alguns autores, o risco está na dessensibilização emocional, pela habituação à violência e, segundo outros, com as mesmas características de pesquisa, a televisão está causando nas crianças uma apatia frente à violência.

Recentemente, Cline e seus colaboradores fizeram experimentos com crianças que assistem à televisão com muita frequência e outras que a ela pouco assistem. Ambos os grupos foram submetidos à projeção de filmes moderadamente violentos. Em ambos, a condução cutânea, amplitude de pulso e volume sanguíneo foram medidos antes e durante a projeção do filme. As modificações produzidas pelos estímulos no sistema nervoso autônomo foram muito mais moderadas entre os sujeitos que assistem frequentemente à televisão, comparados com as dos que assistem raramente. Os autores concluem que existe uma dessensibilização mensurável à violência de filmes e isto acontece pela habituação.

Outros experimentos, como os de Drabman e Thomas desde 1974 vêm provando que as crianças, após exposição à violência e agressividade na televisão modelam uma tolerância gradativa à observação de maldade e violência de outros, mesmo na vida real. Estes autores concluem que a apatia à violência representa perigo real para nossa sociedade e recomendam aos pediatras que à pergunta dos pais: "Pode a violência de televisão prejudicar meu filho?", tenham uma afirmativa enérgica: — Sim! Pela teoria atual da habituação o perigo existe.

Achamos que o perigo existe, diferente do que se supunha há 20 anos, quando a violência no mundo engatinhava. Sabemos que pais, professores e comissões nomeadas, norteiam suas atitudes e seus pareceres frente aos estímulos veiculados pelos programas de televisão. Portanto, o que devemos é lutar por propagar uma televisão diferente, no mínimo, sem a violência que hoje está sendo programada. Se a qualidade e a natureza da televisão não podem ser mudadas, pelo menos os estímulos violentos de seu conteúdo devem ser controlados.

“Televisão é como a mãe da gente. Manda em tudo”.

*Extracto de la encuesta realizada por el “Jornal da Tarde” de S. Basco en junio de 1977 sobre la T.V. en adolescentes:*

A única possibilidade de se escolher as crianças que participariam do debate, seria através de sorteio. E dessa forma foram selecionados 12 alunos das sétimas e oitavas séries do Colégio Rainha da Paz, para discutir a violência na televisão. Mas assim que as crianças se sentaram em forma de painel, uma ligeira passada de olhos apontava pelos menos três vezes a quantidade sorteada. A imediata adesão talvez tenha sido causada pela presença do fotógrafo —rapidamente se formou um tumulto na porta da sala sete, mas era tudo muito alegre, vivo, divertido. (Bastante diferente do que foi a participação dos estudantes de medicina, numa conferência em Santo André, sobre o mesmo tema). Metade deles teve de ser dispensada.

Avisados cinco minutos antes de que as suas discussões fariam parte de uma matéria para jornal, os 19 adolescentes —comidades entre 13 e 15 anos— escolheram, com muita naturalidade, a coordenadora dos debates e, sem perda de tempo, começaram o trabalho. Contrariando as pesquisas de psicólogos e sociólogos —geração anestesiada pela violência da TV, passiva, cérebros embotados— as perguntas fluíram com rapidez e vários braços levantados indicavam que havia muita coisa a ser dita.

—A televisão só tem filmes de roubo, polícia, crimes, desde a programação da tarde até a noite. O Jornal Nacional parece um comoplô: foi programado para dar notícias desagradáveis. Até novela tem violência. È Mãe que chora, filha que chora, pai que grita, uma loucura!

—Acontece qué a criança que não tem o que fazer a tarde toda, fica babando em frente à televisão que só dá notícia que desanima. Tão diferente do horóscopo, que sempre anima um pouco a gente.

—O problema é que a gente acostuma ficar vendo tevê, e nem liga para horário. Aí a pessoa fica tão acostumada que acaba sendo criada na violência. Se não tomar cuidado até e capaz de acabar praticando violência.

—Discordo, porque a pessoa se acostuma e no fim nem liga mais.

Um garotinho tímido levanta a mão e dá seu aparte:

—Vocês só estão falando de filmes e novelas. Por que ninguém fala em bang-bang? Acho que é tão violento.

A classe inteira se transforma num sôtumulto, e no meio da gritaria, uma voz mais alta se destaca:

—Bang-bang é filme, seu bôbo.

—Não sabia. (Com isso o grupo volta a discutir, retomando o assunto interrompido).

Insinuando que quem assiste filmes violentos, só assiste porque quer, pois a censura indica a idade, um dos garotos diz que “se a gente fosse se guiar ao pé da letra, ninguém ia assistir tevê. Ela está aí para quem quer”.

—Para mim censura é um negócio totalmente furado. Eu mesmo assisto às onze da notite, Censura não atua, eu acho que ela deveria dosar na hora dos cortes porque corta o que não é violência e deixa o que é.

Para eles o ponto de referencia é a Rede Globo, segundo eles, “porque ninguém oferece coisa melhor”.

—Está certo que os garotos da nossa idade já não assistem mais televisão de tarde porque estão ocupados com lição de casa ou aulas particulares. Mas as criancinhas não tem outra escolha.

—De noite, quando a gente vai ver televisão, a família está toda reunida. Se você disser que quer assistir a um programa no canal 2, alguém vai dizer que não, porque está seguindo a novela da Globo.

—Novela é uma espécie de vício, você vai seguindo o enredo e sempre quer saber o que vai acontecer no dia seguinte. Depois, todo mundo está condicionado a ver o canal 5.

—E tem mais: televisão é como mãe da gente. Manda em tudo. Toma Toddy, usa tal cueca, faz isso, faz aquilo. E a gente acaba fazendo tudo o que ela manda.

—Por isso é que eu acho que todo mundo devia assistir Rede de Intrigas. Não que eu tenha assistido, mas me contaram tudo. Disseram que o filme mostra direitinho como funciona a televisão por dentro.

—Não adianta saber como funciona. O importante é o ambiente que a gente vive. Se você ensina um cachorro a ser raivoso, ele vai ser raivoso. Então depende de casa.

—Meu irmãozinho, por exemplo, está ficando louco. Ele gosta tanto de Cyborg que, se a televisão estiver quebrada, arrebenta tudo. Ele está é condicionado.

—A gente também. Enquanto está vendo um filme da Globo, vai ficando com vontade de ver o outro, de tanto que eles anunciam: “veja crime, ouça a música”. Fora isso, as fábricas ainda laçam bonequinhos de plástico. Fazem a gente engulir tudo isso.

—Até a propaganda é violenta. A do Toddy, por exemplo, ensina a criança a bater melhor. A do cigano força a força e pessoa afumar. Por qué? Não vivem dizendo que faz mal?

—Ouvi dizer que um menino pulou do prédio imitando o Batman.

—Uma rede como a Globo pode acabar com as pessoas. Ela não está preocupada com a consequência da violência. Só pensa no Ibope. Como é a mais forte, pode acabar com outro canal. E só acaba com outro quem tem muito dinheiro e pode comprar os artistas.

—Mas a gente assiste mesmo é aos programas de violência.

—Então por que vocês assistem ao canal 2?

—Não que a gente queira viver nas trevas da ignorância, mas o 2 é monótono, chato.

—Quem quer ver uma novela chamada João da Silva

—Os programas do 2 não dão idéia de movimento. Você tem a impressão que relaxa, mas não relaxa. No canal 2 você tem que pensar e não descansa. Quem quer mais aula?

—Se a gente assiste o 2, chega na escola, todo mundo assistiu o 5, como é que fica? No dia seguinte você também está assistindo.

—Tanto os homens como as mulheres são violentos. Talvez até mais as mulheres. Tem Pantera, Mulher Maravilha, Mulher Biônica. Tem uma até que é um desperdício... Sei de gente que assiste as Panteras só por causa dela.

—Mas a violência está em todo lugar, não é só na tevê. Está no trânsito, na escola —tem gente que arrebenta as carteiras —por que? É louco? No rádio, quando a gente está na rua, enerva mais ainda. Tem um programa de manhã que um dia contou que o marido matou a mulher, arrancou a cabeça dela, e mais coisas. Só sei que todo mundo no carro ficou mais nervoso ainda.

—Mas a televisão não é culpada de tudo. Como é que existem trombadinhas? Eles não vêem televisão.

—Você que pensa! São os primeiros. Se bobear afanam a da gente. Na estação rodoviária, tem uma televisão que fica o dia inteiro ligada. Nas lojas tem de tudo, desde preto e branco, até todos os tamanhos. Precisa ver quanta gente junta em volta!

—O trombadinha é violento porque está numa classe social inferior. O pai é bêbado, ganha pouco, o que você pode esperar de uma criança que vive numa maloca?

—Quer dizer que se não tivesse televisão não teria violência?

—Nada disso. Mesmo sem televisão, ele vive num círculo vicioso de violência.

—Quer deixar de ver violência? Vai passear no Shopping Center que lá só tem gente bonita. Experimenta ir para o centro da cidade, conta o que você ve na rua. É só violência.

—Esses dias eu esta no centro com a minha mãe. Precisa ver o que fizeram quando interromperam o trânsito no Viaduto do Chá, por causa de passeata.

—É mesma história do ovo e da galinha: quem vem primeiro, a violência ou a televisão?

—Vê o exemplo do ladrão que sai da prisão e não consegue trabalho. Que é que ele vai fazer? Voltar a roubar. Então acho que a sociedade é mais violenta.



—É, mas na televisão outro dia, vi o Erasmo Dias quase batendo num repórter. Precisava ver a violência das respostas dele. Eu não gostei.

—O que dá dinheiro é pronografia e violência. Como a televisão tem de ganhar dinheiro, usa violência.

Esses adolescentes, evidentemente, não representam o pensamento da maioria das crianças que vivem em São Paulo. Podem ser considerados privilegiados: são na maior parte de uma classe social alta, estudam num colégio progressista —desde o espaço cheio de áreas verdes, alamedas, até no tipo de ensino—, têm várias opções de lazer. Mas, também são telespectadores, talvez mais críticos do que os habituais. E apresentam suas soluções para o problema, que vão de acabar com a televisão (“mas isto deixaria muita gente desempregada”), formar uma nova geração com outra mentalidade (“esta já está condicionada”), fundir a programação da Globo com a da Cultura, e, até, recomeçar tudo.

E a conclusão é bastante simples:

—Quando a Bandeirantes passou show do Chico Buarque, todo mundo ficou grudado assistindo. Os programas de música clássica também dão Ibope. Vai me dizer que se a televisão só levasse programas como estes ninguém assistiria?

—Minha mãe que é psicóloga vive dizendo: “menina, você vai ficar louca de tanto ver televisão”. Mas minha mãe também assiste televisão!

Os pais devem manifestar-se; os médicos; psicólogos e professores devem ajudar a provar que a televisão pode ser de muita utilidade mas, também pode ser muito perigosa de acordo com os programas que apresenta e se tem como finalidade de chegar somente á habituação e á alienação.

### *Alienação na Comunicação*

Recentemente publicamos a respeito de como a televisão interfere no tempo da criança reduzindo 1) atividades motoras, 2) atividades lúdicas e 3) atividade social, importantes fatores para a saúde mental futura e que são, ainda, pouco conhecidas nas suas consequências evolutivas. Também observamos que a escalada da violência na televisão tem causado a dessensibilização emocional á violência criando uma apatia frente a violência através do fenômeno da habituação.

Ao mesmo tempo começou o processo da alienação através da televisão.

A televisão e mesmo os demais meios de comunicação estão em contínua transmissão do que foi denominado por Bateson de duplas mensagens ou mensagens de duplo vínculo podendo ser uma das inúmeras causas etiológicas de esquizofrênia. quando no seio da família. Este tipo de mensagem na co-

municação produz o mesmo efeito esquizofrenogenico ou como já dissemos catatônico, semelhante á alienação.

Como a televisão é aceita totalmente pela criança como verdadeira, a quantidade de duplos vínculos confirma as seis proposições aventadas por Bateson:

- 1) Duas ou mais pessoas em que uma é vítima. Consideramos aqui a televisão como pessoa ou as próprias pessoas projetadas no ecran e identificadas pela vítima.
- 2) Experiência repetida.
- 3) Uma ordem primária negativa.
- 4) Uma ordem secundária que está em conflito com a negação da primária mas em que se anuncia o perigo da primária.
- 5) Uma ordem negativa terciária que proíbe a vítima escapar do campo.
- 6) O conjunto acima não precisa mais ser completado quando o indivíduo aprendeu a perceber seu mundo sob os padrões de duplo vínculo.

O efeito esquizofrênico da dupla mensagem é ilustrado por Bateson com o exemplo, "Zen", em que o mestre diz:— "Se dizes que esta vara é real te golpearei com ela, se dizes que esta vara não é real te golpearei com ela, se não dizes nada te golpearei com ela". Para nós existe também o mesmo dito nordestino: — "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come".

Se este processo na comunicação não é causa direta da esquizofrenia, contudo é alienante com certeza, pelo mecanismo de desorientação que é introduzido na linguagem, determinando falta de discriminação dos tipos lógicos nas mensagens e por falta de opção.

Analizamos inúmeros programas na televisão, onde as características de violência são alienantes pelas mensagens que são veiculadas.

Em forma de questionário fizemos uma pesquisa e em duas colunas elegemos quem deve fazer o bem e quem deve fazer o mal. Como a maioria dos filmes tem sempre um policial, a eleição de regra é fácil. No entanto pode-se fazer o inverso na eleição de quem fará o bem e o mal. Podendo começar com o policial fazendo o mal. Com sinais positivos e negativos encontramos na aferição das colunas, a "dupla mensagem" nítida.

O malvado faz mal que não pode ser feito. O herói ou antiherói, também, faz mal que também não pode. O herói faz bem dentro do mal. O malvado faz bem o mal. Se eu me identifico com o herói posso fazer o mal. Se eu me identifico com o malvado posso fazer o mal. O bem também é mal. Evidentemente é alienante para qualquer criança.

Em 1969, Bateson agrega algo á sua teoria de duplo vínculo. Poderá determinar a esquizofrenia ou padrões afins como poesia, arte, humor, etc... Na teoria não podemos prever se um indivíduo se converterá e mum palhaço, poeta, pintor, ou esquizofrênico ou alguma combinação destas. A estes gêneros de síndromes ele denominou "transcontextual". O indivíduo poderá se tornar perturbado ou enriquecido. Achamos que no plano de saúde mental os programas de televisão atualmente não são capazes de enriquecer o indivíduo por dons transcontextuais, mas sim empobrecer por confusões transcontextuais, causando o processo de alienação.

*Conclusões:* — Os aspectos que consideramos como ameaçadores na comunicação são:

1. Cria simplesmente hábitos ou aprendizagem primária e não a deuteroprendizagem isto, é, "aprender a aprender".

Os hábitos são notoriamente rígidos pela hierarquia única de adaptação, como uma única economia, de ensaios e erros. A economia consiste em não reexaminar ou redescobrir as premissas do hábito cada vez que se emprega o hábito.

Na deuteroprendizagem, atuamos em solução de problemas. Toda uma classe de problemas poderá ser resolvida em termos de suposições ou premissas cujo número sempre é menor que o dos membros da classe de problemas.

A televisão em especial, pelo menos no que se programa na atualidade é prejudicial, por anular as premissas ou desenvolvendo um hábito de não examiná-las.

2. É a fonte de mensagens de duplo vínculo de forma contínua e repetitiva, causando processo psicopatológico de alienação semelhante ao da esquizofrenia catatônica. Não produz a loucura nos termos das gerações anteriores mas "deixa louco" semnenhuma gravidade nos conceitos das gerações de TV.

## BIBLIOGRAFIA

1. ABRAMS, M. Child Audiences for Television in Great Britain. *Journalism Quarterly* 33:35, 1956.
2. BANDURA, A. & HUSTON, A.C. Identification as a Process of Incidental Learning. *J. Abnorm Psychol.* 63:311, 1961.
3. BATESON, G. *Pasos Hacia Una Ecologia de La Mente*. B. Aires. Ediciones Carlos Lohlé, 1976.
4. CLIFTON, R. K., e NELSON, M.N. 'Arousal System in Infants: Habituation in WOLMAN, B.B.: *International Encyclopedia of Psychiatry, Psychology, Psychoanalyses & Neurology*. New York, Aesculapius Publishers, Inc., 1977, Vol. II p. 123.
5. CLINE, B., CROFT, R. & COURRIER, S. Desensitization of Children to Television Violence. *J. Pers. Soc. Psychol*, 27:360, 1973.
6. DRABMAN, R.S. & THOMAS, M.R. Does Media Violence Increase Children's Tolerance of Real Life Agression? *Dev. Psychol.* 10: 418, 1974.
7. DRABMAN, R.S. & THOMAS, M.R. Does Watching Violence on Television Cause Apaty? *Pediatrics* 57:1329, 1976.
8. GROOMBRIDGE, B. *Television and the People*. Middlesex, England, Penguin Books, 1972.

9. GRUNSPUN, H. A Televisao e a Criança.. in GRUNSPUN, H., e col.: Educar para o Futuro. Rio, Atheneu, 1978, p. 125-134.
10. HIMMELWEIT, H., OPPENHEIM, A. N., & VINCE, P. Television and the Child. London, Oxford, 1958.
11. LIEBERT, M., NEALE, J.M., e DAVIDSON, E.S.: The Early Window. New York, Pergamon Press, 1973.
12. MACCOBY, E.E., & WILSON, W.C. Identification and Observational Learning From Films. J. Abnorm. Soc. Psychol, 55:76, 1957.
13. MACCOBY, E.E. The Effects of Television on Children. In SCHRAMM, W. The Science of Human Communication. N.Y., Basic Books, 1963 p. 116.
14. PUBLIC TELEVISION. A Program for Action. Carnegie Corporation of New York, Bantam, 1967.  
Tradução: Televisao Educativa — Um Programa de Ação. Rio, Edicoes O Cruzeiro. S/d.
15. SCHRAMM, W., LYLE, U. & PARKER, E.B. Television in the Lives of Our Children. Stanford, California, Stanford University Press, 1961.
16. SEEMAN, M.: Alienation and Engagement. in CAMPBELL, A., e CONVERSE, P.E.: The Human Meaning of Social Change, New York, Russel Sage, 1972, p. 467.
17. THOMUSON, R.F., e col. ADual Process Theory of Habituation. vol. I. New York, Academic Press, 1973.
18. UNESCO — L'Influence du Cinema sur les Enfants e les Adolescents. Études et Documents D'Information — n° 30, Paris, Unesco, 1960.
19. UNESCO — Le Développement des Moyens D' Information en Asie., Études et Documents D'Information n° 31. Paris, Unesco, 1961.
20. UNESCO — L'Influence de la Televisión sur les Enfants et Adolescents. Études et Documents D'Information n° 43 — Paris, Unesco, 1965.